

# A crônica em Machado de Assis e Rubem Braga: um reflexo da realidade política e social de uma época

## The chronic of Machado de Assis e Rubem Braga: a reflection of political and social reality of an era

---

Autora: Maura Voltarelli\*

Coautor: Prof. Dr. Glauco Rodrigues Cortez\*\*

**RESUMO:** O presente artigo tem como objetivo fazer a desconstrução conceitual de duas crônicas situadas em épocas e contextos diferentes. Uma de autoria de Machado de Assis e outra mais moderna da autoria de Rubem Braga. A desconstrução será feita com base nas principais teorias e pensamentos que fundamentam o estudo da ordem do discurso e linguística de forma geral. Por trás dessa desconstrução pretende-se entender melhor, de forma mais completa e abrangente, a estrutura das crônicas em questão e mostrar qual delas melhor refletiu a realidade política e social de sua época.

**PALAVRAS-CHAVE:** Crônica. Discurso. Machado de Assis. Rubem Braga. Imprensa.

**ABSTRACT:** This article aims to make a conceptual deconstruction of two chronic from different times and contexts. One of them is written by Machado de Assis and the other one, latest, is written by Rubem Braga. The deconstruction will be done based on the mainly theories and thoughts that support the study of order of discourse and linguistic generally. Behind this deconstruction the article pretends to understand better the structure of the chronic in question and show which one has more capacity to reflect the political and social reality of their time.

**KEYWORDS:** Chronic. Discourse. Machado de Assis. Rubem Braga. Press.

---

\*A autora é Graduada em Jornalismo pela PUC-Campinas onde realizou Iniciação Científica em Comunicação Social e produziu este entre outros artigos; atualmente é estudante especial do programa de pós-graduação em Teoria Literária da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e do programa de pós-graduação em Literatura Brasileira da Universidade de São Paulo (USP). E-mail: ma\_voltarelli@yahoo.com.br.

\*\*O coautor é professor de Jornalismo e pesquisador da PUC-Campinas. Mestre em Ciências da Comunicação pela ECA/USP, doutor pelo IFCH/Unicamp e editor da revista Comunicarte, do Centro de Linguagem e Comunicação da PUC-Campinas. E-mail: glaucorcortez@gmail.com.

## Introdução

Oficialmente, a imprensa começa no Brasil em 10 de setembro de 1808, com a criação da Gazeta do Rio de Janeiro, um jornal palaciano. Nesse momento, três meses antes, sai o primeiro número do Correio Brasiliense de Hypólito José da Costa que era impresso em Londres. Apenas 42 anos após o desembarque oficial da imprensa em terras brasileiras, Machado de Assis já iniciava suas crônicas no Diário do Rio de Janeiro, a partir de 1860. Durante quarenta anos, esse que é considerado um dos principais escritores brasileiros, manteve publicações rotineiras de suas crônicas na imprensa carioca da época, como conta Fernando Paixão em *Sejamos Vizinhos de Machado* (1994).

Os textos dessa imprensa que estava no seu início no Brasil, em sua maioria, eram textos que refletiam apenas os problemas da corte, com forte característica doutrinária, retórica e política, como diz Pereira em *Crônica: a arte do útil e do fútil* (2004). A presença dos cronistas vinha justamente romper com esse isolamento do jornal diante dos problemas sociais, das histórias do dia-a-dia, do movimento do cotidiano, todos estes objetos preferidos das melhores crônicas da época. “Machado reconhece a diferença entre as correntes filosóficas e as ideias frouxas da redação e tece, através da ambiguidade dos valores sociais, textos que dão ao leitor uma visão ampla da representação do jornal na sociedade” (PEREIRA, 2004, p.70).

Para José Marques de Melo, em *Jornalismo Opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro* (2003), a crônica é um relato poético do real, situado na fronteira entre a informação da atualidade e a narração literária. Isso acaba por situar a crônica em um espaço entre o jornalismo e a literatura. No entanto, como diz Pereira (2004, p. 80), “classificar a crônica como gênero jornalístico ou literário é negar a independência estética da crônica em relação às unidades narrativas do texto jornalístico”. Já segundo Rónai, para qualquer brasileiro a palavra crônica tem um sentido claro e inequívoco: designa uma composição breve, relacionada com a atualidade, publicada em jornal e revista. “Esse

significado está tão generalizado que só mesmo os especialistas em historiografia se lembram de outro, bem mais antigo, o de narração histórica por ordem cronológica” (RÓNAI *apud* MELO, 2003, p.148 e149).

Assim como Machado de Assis, José de Alencar também foi um escritor que começou publicando muitos de seus trabalhos em jornais cariocas do fim do século XVII e principalmente no século XIX, trazendo um novo tipo de texto e abordagem do cotidiano para os jornais majoritariamente doutrinários e ideológicos da época. Suas crônicas foram reunidas no livro *Ao Correr da Pena* e, assim como as de Machado, sempre buscaram retratar as cenas e detalhes do cotidiano, os acontecimentos e as transformações da sociedade.

Contudo parece-me que o estado vergonhoso do nosso Passeio Público não é unicamente devido à falta de zelo da parte do governo, mas também aos nossos usos e costumes, e especialmente a uns certos hábitos caseiros e preguiçosos, que têm a força de fechar-nos em casa dia e noite [...] Sabeis o que é a flânerie? É o passeio ao ar livre, feito lenta e vagarosamente, conversando ou cismando, contemplando a beleza natural ou a beleza da arte; variando a cada momento de aspectos e de impressões (ALENCAR, 1854, p.21).

Com a chegada do século XX e o processo de industrialização da imprensa nos moldes da imprensa norte-americana, a crônica passa a ocupar um espaço secundário em um contexto onde a regra são textos cada vez mais objetivos e claros, em que a adjetivação é simplesmente posta em segundo plano. Para Pereira (2004), a crônica consegue se desvencilhar dessa profissionalização jornalística porque ela extrapola o universo do jornal. “Ela cria novos significados para sobreviver à rigidez imposta pelo conjunto de técnicas que procuram transformar o jornal num espelho da história ou dos fatos sociais que ocupam uma escala de valores no processo de seleção das notícias” (PEREIRA, 2004, p.142).

João do Rio pode ser considerado o grande nome desse momento de transição da crônica. Nas crônicas deste autor, percebe-se claramente a preocupação com a investigação da realidade, em mostrar o que não é visto em

meio ao drama das grandes cidades, como o Rio de Janeiro. Em suas crônicas, ele alia o espírito da reportagem, no sentido de se aprofundar na abordagem de uma faceta da realidade, a uma linguagem marcadamente literária, por meio da qual ele interpreta e dramatiza as suas impressões do real.

A partir desta visão geral da crônica no Brasil, mais particularmente ligada à constituição e formação da imprensa nacional, o presente trabalho fará a desconstrução com base na lógica da ordem e análise do discurso de duas crônicas específicas: *Bondes Elétricos*, de Machado de Assis, publicada originalmente no dia 16 de outubro de 1892, no jornal carioca Gazeta de Notícias, e a crônica *A Menina Silvana*, de Rubem Braga, escrita em fevereiro de 1945 e publicada no livro *200 Crônicas Escolhidas* (2002), organizado pelo próprio Rubem Braga. As duas crônicas foram escritas em épocas e contextos diferentes; portanto, a partir da análise do discurso de cada autor materializado no seu texto, o principal objetivo é entender como cada um buscou refletir os aspectos políticos e sociais de sua época, bem como o real potencial na realização desse propósito básico que orienta o trabalho dos cronistas. A qualidade da crônica em questão não será discutida, o que se quer buscar são as sutilezas entre uma e outra que fazem com que, dentro das teorias e ideias do discurso, uma chegue a um ponto na representação de uma realidade que a outra não alcançou, o que não faz esta última pior ou de qualidade ruim, apenas a coloca em outro patamar de representatividade.

Para seguir tal objetivo, a metodologia utilizada foi basicamente a revisão bibliográfica de material referente ao contexto da crônica no Brasil e sua relação com a imprensa, além de obras referentes aos principais teóricos que refletem sobre a análise do discurso e sobre sua relação com o indivíduo, a sociedade e o pensamento.

## **Ordem e Análise do Discurso**

Mikhail Bakhtin em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (2002) diz do

caráter ideológico do signo, bem como de sua relação com a própria consciência do sujeito que fala. Bakhtin fala sobre diversas propriedades da palavra, dentre elas “sua pureza semiótica, sua neutralidade ideológica, sua interiorização e, finalmente, sua presença obrigatória, como fenômeno acompanhante, em todo ato consciente” (BAKHTIN, 2002, p. 38). Todas essas considerações a respeito da palavra fazem com que Bakhtin a coloque como objeto essencial do estudo das ideologias já que, segundo ele, toda palavra serve a uma ideologia, seja ela externa ou interna, presente na própria consciência de cada um.

Sobre a importância dos sistemas ideológicos e, principalmente, das ideologias do cotidiano, em torno das quais se fundamenta um discurso que Bakhtin mostra essencialmente social tanto em seus fatores internos (a atividade mental que cumpre um itinerário na direção do “conteúdo a exprimir”), quanto em sua objetivação externa propriamente dita (a “enunciação”), diz Bakhtin:

Os sistemas ideológicos constituídos da moral social, da ciência, da arte e da religião cristalizam-se a partir da ideologia do cotidiano, exercem por sua vez sobre esta, em retorno, uma forte influência e dão assim normalmente, o tom a essa ideologia. Mas, ao mesmo tempo, esses produtos ideológicos constituídos conservam constantemente um elo orgânico vivo com a ideologia do cotidiano; alimentam-se de sua seiva, pois, fora dela, morrem, assim como morrem, por exemplo, a obra literária acabada ou a ideia cognitiva se não são submetidas a uma avaliação crítica viva (BAKHTIN, 2002, p.119).

Ao empreender a análise das crônicas em questão não se pode perder de vista a instabilidade e incerteza da palavra ideológica, como coloca Bakhtin. A palavra contém em si um jogo de opinião, sempre manifesto na crônica, um jogo de opostos em que há a qualificação de um discurso para desqualificação de outro, em que há pressupostos e implícitos, palavras com diversos sentidos existindo dentro de uma lógica da conotação, mais do que da denotação, tudo isso dentro de um reino de opiniões sobre isto ou aquilo, no caso da crônica

sobre um fato social, o discurso do cotidiano.

O livro *A Ordem do Discurso* (2009), de Michel Foucault, traz o conteúdo de sua aula inaugural no *Collège de France*, pronunciada em dois de dezembro de 1970. O texto se estrutura em torno dos conceitos apresentados por Foucault para propor uma nova visão e estudo da análise do discurso. Ao contrário de Bakhtin, que analisa o discurso em sua característica linguística essencialmente social e ideológica, Foucault não se atém muito ao plano linguístico, no entanto dá uma importância muito grande ao fator ideológico e social do discurso, enxergando-o como elemento que atua de forma a limitar esse discurso, tornando-o cada vez mais rarefeito, menos sólido, penetrável, passível de controles e modificações em sua ordem interna, essencialmente subjetiva.

Em uma de suas primeiras considerações, Foucault fala das vozes que falam antes dele, ou seja, das múltiplas vozes que compõem, formam e influenciam um discurso. Já apresenta, portanto, uma característica inerente ao discurso: a polifonia, enunciada por Bakhtin. Em seguida, Foucault chama atenção para o fato de o discurso ser algo controlado e selecionado, organizado segundo princípios de exclusão e interdição. Foucault trata do discurso como sendo um tabu do objeto, ritual de circunstância, direito privilegiado e exclusivo do sujeito que fala, o que fica evidente neste trecho da obra: "Tabu do objeto, ritual da circunstância, direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala: temos aí o jogo de três tipos de interdições que se cruzam, se reforçam ou se compensam, formando uma grade complexa que não cessa de se modificar" (FOUCAULT, 2009, p.09).

Um ponto da fala de Foucault é a explicitação dos procedimentos de controle e delimitação do discurso, tanto os que se exercem do exterior, quanto os que se exercem do interior. Os elementos que, segundo o autor, controlariam o discurso seriam o comentário (dizer o que estava articulado no texto primeiro, "acaso do discurso"), o autor (foco da coerência do discurso) e as disciplinas (permitem construir, mas conforme um jogo restrito, e se opõe aos outros dois princípios).

Lá onde, segundo a tradição, cremos reconhecer a fonte dos discursos, o princípio de sua expansão e de sua continuidade, nessas figuras que parecem desempenhar um papel positivo como a do autor, da disciplina, da vontade e de verdade, é preciso reconhecer, ao contrário, o jogo negativo de um recorte e de uma rarefação do discurso (FOUCAULT, 2009, p. 52).

Ao trazer o pensamento de Foucault para a análise que a presente pesquisa pretende realizar a partir de duas crônicas específicas, é importante identificar nas crônicas os diversos procedimentos de delimitação e controle do discurso enunciados por Foucault. Identificar na crônica a presença ou ausência desses elementos, de que forma eles aparecem, em que grau e constância, é uma forma de detectar até que ponto o discurso da crônica faz-se ou não controlado. Quanto menor for o grau de controle do discurso com base na identificação dos procedimentos de controle e interdição citados por Foucault, maior será o seu potencial de refletir a sociedade, bem como seus aspectos políticos e sociais.

O linguista norte-americano Noam Chomsky, em seu livro *Linguagem e Pensamento* (1971), deixa claro o fato de ele entender a linguagem e os processos linguísticos de forma extremamente racional e pode-se dizer até matemática. Ao contrário da corrente de pensadores empiristas que sempre buscaram valorizar as experiências sensitivas do homem na formação de sua linguagem como forma principal de expressão, a corrente dos racionalistas à qual Chomsky pertence considera a razão e os processos mentais como fatores mais importantes do que a experiência para determinar a constituição e estruturação da linguagem.

Neste sentido, Chomsky valoriza os processos mentais de quem fala e as profundas estruturas que residem no pensamento. Para demonstrar sua teoria ele utiliza dos sistemas formais da matemática e dos preceitos da lógica. Segundo ele, o linguista deve se debruçar sobre todo um sistema abstrato que o falante carrega dentro de si e que corresponde ao seu imaginário, aos seus

desejos e vivências mais internos. Esse sistema abstrato compreende também um sistema de regras que permite ao falante esboçar infinitas sentenças gramaticais, inclusive algumas que nunca antes foram enunciadas.

Assim, a inteligência humana normal é capaz de adquirir conhecimento mediante seus próprios recursos internos, talvez fazendo uso dos dados do sentido, mas chegando a construir um sistema cognoscitivo em termos de conceitos e princípios produzidos em fundamentos independentes; e é capaz de gerar novos pensamentos e de encontrar novos e adequados modos de expressá-los, em formas que transcendem inteiramente qualquer exercício ou experiência (CHOMSKY, 1971, p. 22).

É neste ponto que Chomsky critica a gramática estruturalista que, ao segmentar, limita os enunciados a uma estrutura superficial, sem levar em consideração esse sistema abstrato e o conjunto de regras internas do falante, inerentes aos seus processos mentais e que permitem a este, como foi dito, elaborar um número infinito de sentenças. No lugar da gramática estruturalista, ele defende a chamada gramática transformacional.

Um ponto do pensamento de Chomsky é quando este diz do caráter inovador da linguagem. Muitos linguistas, inclusive o próprio Bakhtin, dizem que a linguagem ou o discurso que se enuncia nada é mais do que a repetição de outros discursos, de outras vozes que constituem aquela única voz que fala. A linguagem seria, portanto, o conjunto de muitas outras influências e percepções do indivíduo. Isso não é descartado por Chomsky, no entanto, ele enfatiza que a língua, mesmo no caso de existir repetições e influências, como diz Bakhtin, sempre se renova quando se leva em consideração o aspecto criador do uso da linguagem.

A discussão daquilo que tenho chamado o aspecto criador do uso da linguagem gira em torno de três importantes observações. A primeira é que o uso normal da linguagem é inovador, no sentido de que muito daquilo que dizemos no curso do uso normal da linguagem é inteiramente novo, não é a repetição de nada que tenhamos ouvido antes nem mesmo semelhante quanto à forma a sentenças e discursos que ouvimos no passado (CHOMSKY, 1971, p. 25).



No que se refere à análise das crônicas a ser empreendida na presente pesquisa, o pensamento de Chomsky dá uma importante contribuição no sentido de tentar identificar, na estrutura narrativa das crônicas, não só o aspecto inovador da língua colocado por Chomsky, como também no seu sistema abstrato de regras, o processo mental inerente à estrutura narrativa da crônica que conduz à expressão linguística de fato. O processo mental do discurso manifesto na crônica pode ser verificado tanto na figura do autor, sujeito que fala por meio do texto, como nos elementos presentes no cotidiano, a partir do qual a crônica toma forma. A partir da observação desses elementos, dentro da ótica do pensamento de Chomsky (1971), o objetivo principal é identificar a estrutura lógica organizacional da crônica, a preservação de uma racionalidade em torno da qual ela se estrutura, visando refletir a sociedade de sua época.

Quanto mais evidente e coerente for a racionalidade em torno da qual os elementos da crônica se estruturam a partir da percepção do processo mental do autor e de seu sistema abstrato de regras, maior será o potencial da crônica em refletir a realidade política e social da época. Se a racionalidade estiver diluída na estrutura narrativa e os processos mentais, bem como o sistema abstrato de regras simplesmente for substituído por elementos do acaso, por escolhas acidentais na elaboração da narrativa, o potencial da crônica em refletir a realidade será menor, de acordo com o pensamento de Chomsky.

### **O discurso político e social em *Bondes elétricos*, de Machado de Assis**

A crônica *Bondes Elétricos*, de Machado de Assis, publicada no dia 16 de outubro de 1892, no jornal carioca *Gazeta de Notícias*, e reunida no volume *A Semana* (1996) é tida como um dos seus principais relatos poéticos sobre o cotidiano da sociedade carioca de sua época. Nela, Machado expõe toda sua

liberdade discursiva e passeia com maestria e habilidade entre a ficção e a realidade com o intuito de apreender os sentidos e significados presentes nos detalhes do cotidiano.

Nesta crônica em especial, o escritor reflete de forma crítica sobre um novo fato da realidade: a inauguração dos bondes elétricos, mas não o apresenta de forma corriqueira e racionalizada como uma notícia padronizada o faria; ele resgata elementos essenciais do fato, eleva a linguagem e recorre ao inusitado de sua criatividade para que o relato daquele fato chame a atenção do leitor e se faça realmente interessante em meio aos outros acontecimentos que preenchem a teia social. O elemento que mais reflete o inusitado da criatividade machadiana nessa crônica consiste no diálogo entre dois burros que o escritor simplesmente incorpora na forma de discurso direto à sua narrativa sobre um fato da realidade.

Tem-se, portanto, um claro elemento de ficção fundamentado pelo uso da personificação como figura de linguagem, movimentando-se nos espaços deixados pelo fato da realidade e contribuindo para melhor reflexão e abordagem deste fato. A beleza, o lirismo e todo o fantástico da literatura se misturam às informações, contextos e elementos da realidade nesta crônica basilar de Machado de Assis, como fica evidente no seguinte trecho:

[...] Anteontem, porém, indo pela Praia da Lapa, em um bond comum, encontrei um dos elétricos, que descia. Era o primeiro que estes meus olhos viam andar. [...] De repente ouvi vozes estranhas; pareceu-me que eram os burros que conversavam, inclinei-me (ia no banco da frente); eram eles mesmos. Como eu conheço um pouco a língua dos Houyhnhnms, pelo que dela conta o famoso Gulliver, não me foi difícil apanhar o diálogo. Bem sei que cavalo não é burro; mas reconheci que a língua era a mesma [...] Fiquei inclinado e escutei:  
-Tens e não tens razão, respondia o da direita ao da esquerda.  
O da esquerda:  
- Desde que a tração elétrica se estenda a todos os bonds, estamos livres, parece claro (ASSIS, 1996, p.15 e 16).

Como visto, segundo Bakhtin, são várias as vozes que falam na voz de

qualquer discurso. Em *Bondes Elétricos*, Machado toma como ponto de partida a discussão sobre os bondes elétricos inaugurados no Rio de Janeiro. A partir desse fato da realidade, ele opõe duas vozes principais em seu discurso: a modernidade e a tradição, representadas neste trecho inicial da crônica pela oposição entre as palavras “comum” e “elétricos”. “Anteontem, porém, indo pela Praia da Lapa, em um *bond* comum, encontrei um dos elétricos, que descia. Era o primeiro que estes meus olhos viam andar” (ASSIS, 1996, p.15).

Dentro dessa oposição entre moderno e tradicional, o escritor também discute algumas questões sociais como a exploração de um homem sobre o outro, relação histórica típica da tradição brasileira que gerou uma cultura de exclusão e injustiça. Para fazer tal discussão, Machado usa de um recurso claramente ficcional que serve como metáfora para a crítica da política e da sociedade carioca da época, feita nesse texto. Machado escreve sobre o diálogo entre dois burros. Neste, a voz que fala é a voz do passado que aparentemente vai ficando pra trás diante do novo, do moderno, representado pelo bonde elétrico. Os burros são uma das vozes que falam na voz do escritor, mais precisamente a voz do antigo que cede lugar ao novo e não raro é vítima de injustiças e exploração. A outra voz, que fala por meio da palavra escrita de Machado de Assis, está simbolizada na figura do condutor do bonde elétrico, ou do próprio homem de forma geral. Logo no início da crônica, Machado escreve: “Para não mentir, direi o que me impressionou, antes da eletricidade, foi o gesto do cocheiro. Os olhos do homem passavam por cima da gente que ia no meu *bond*, com um grande ar de superioridade”(ASSIS, 1996, p.15).

Este trecho deixa clara a presença de outra voz que se opõe diretamente à primeira, a voz do progresso, do novo que se considera superior e está pronto para subjugar o antigo. Essas duas vozes se dividem no discurso de Machado, resvalando na borda de um dos principais temas da crônica: a injustiça decorrente da relação às vezes equivocada e descontextualizada entre o novo e o tradicional. Detectada a polifonia, fica fácil distinguir outra questão apontada como essencial na análise de um discurso por Bakhtin, o dialogismo.

Este consiste em um diálogo em que, na maioria das vezes, há uma

desqualificação do outro, em virtude da qualificação do eu. Machado de Assis não deixa que a desqualificação do outro se faça evidente em sua crônica, afinal, ele faz uso constante de elementos da literatura que tornam o discurso velado, dotado de certo grau de mistério, e este, por sua vez, também conduz a um elemento essencial da obra machadiana: a ironia. No entanto, ainda que seja por trás da ironia, a crítica que Machado faz ao novo, que não conserva o antigo e incorre em injustiças para com este, torna-se evidente em alguns trechos como:

- Pode ser, meu colega; mas a esperança é própria das espécies fracas, como o homem e o gafanhoto; o burro distingui-se pela fortaleza sem par. A nossa raça é essencialmente filosófica. Ao homem que anda sobre dous pés, e provavelmente à águia, que voa alto, cabe a ciência da astronomia. Nós nunca seremos astrônomos; mas a filosofia é nossa. Todas as tentativas humanas a este respeito são perfeitas quimeras. Cada século... (ASSIS, 1996, p.17).

Neste trecho, além do dialogismo e desqualificação do outro, ainda que sutil, fica evidente outro elemento da análise do discurso, que é a questão dos pressupostos e implícitos. No fragmento, uma ideia fundamental para o entendimento da crônica, bem como de seu elemento de crítica social, está implícita. Trata-se da crítica ao próprio ser humano, à sua mediocridade e superficialidade em relação ao burro, principalmente no que diz respeito à capacidade de pensar, refletir sobre as coisas. Quando o homem é visto por Machado como um ser destinado à astronomia, enquanto a filosofia é reservada aos burros, significa que o homem vive de previsões, julgamentos e atitudes levianas e precipitadas, enquanto os burros pensam, refletem sobre a realidade, ouvem mais do que falam e, por isso tudo, deviam ser mais respeitados. Outro pequeno trecho que, no entanto, é contundente o bastante na crítica que Machado faz ao homem, também está compreendido em um dos momentos de diálogo entre os dois burros. "-Que tem isso com liberdade? -Vejo - redarguiu melancolicamente o burro da direita -, vejo que há muito de

homem nessa cabeça” (ASSIS, 1996, p. 16).

Em “vejo que há muito de homem nessa cabeça”, Machado de Assis trabalha com o conceito de pressuposto, apresentado por Bakhtin, à medida que está pressuposta na frase a ideia de que, se há muito de homem na cabeça do burro, o outro burro, ao dizer isso ao primeiro, está falando que não há nada na sua cabeça, valendo-se da ideia de que não há nada na cabeça de um homem, que este é vazio de pensamento e reflexão, de acordo com o discurso que Machado defende na sua crônica. Esse pressuposto só pode ser entendido dentro do contexto da crônica e levando em consideração as falas antecedentes do diálogo. Além do pressuposto, há neste trecho outro conceito trabalhado por Bakhtin, a questão da conotação, do sentido figurado das palavras e frases em determinado discurso. Segundo Bakhtin para entender de fato um discurso é preciso entender o real sentido de cada uma de suas palavras, pois estas podem dizer uma coisa enquanto na verdade estão dizendo outra.

A palavra “homem”, na frase citada acima, é empregada em sentido conotativo. Homem não significa o gênero masculino, a espécie masculina e, sim, sinônimo para “nada, superficialidade, imbecilidade”, características que Machado coloca como próprias dos homens e distantes dos burros, na crônica em questão. Outras palavras utilizadas em sentido conotativo, em *Bondes Elétricos*, são “por arames”. Neste trecho a palavra arame não está sendo usada no seu sentido próprio, faz parte de uma metáfora e adquire o sentido de fio de eletricidade, anunciando os novos tempos.

Partindo da ideia de que, na crônica, os burros também fazem, de certa forma, referência ao passado, cabe-nos pensar que o tradicional, frente ao novo, muitas vezes deixa de ser respeitado em tudo aquilo que ele conserva de sábio, prudente, reflexivo, em oposição ao novo (homem) com toda sua racionalidade impulsiva, arrogante e pouco pensativa.

Assim há, implícito nas palavras da crônica e pressuposto em algumas partes, o moderno e o tradicional nas figuras do homem e do burro. No entanto, não se pode perder o grande tema da crônica de Machado que fica evidente no seguinte trecho:

- O *bond* elétrico apenas nos fará mudar de senhor. - De que modo? - Nós somos bens da companhia. Quando tudo andar por arames, não somos já precisos, vendem-nos. Passamos naturalmente às carroças. - Pela burra de Balaão! exclamou o burro da esquerda. Nenhuma aposentadoria? nenhum prêmio? nenhum sinal de gratificação? Oh! mas onde está a justiça deste mundo? (ASSIS, 1996, p.16).

Esse trecho traz em si um pressuposto de que há uma relação de dominação inerente ao tecido social e à própria cultura brasileira, além disso, também traz a palavra senhor usada em sentido conotativo, pois aqui deve ser entendida não como peça de autoridade e respeito, e sim como instrumento de dominação social; e o trecho também deixa claro o discurso social presente na crônica contra a injustiça que, muitas vezes, a sociedade comete contra o antigo, o tradicional que aos poucos vai tendo que conviver com o novo que sempre surge do próprio movimento natural das coisas e dos anos.

Dessa forma, a partir da análise do discurso segundo os elementos apresentados por Bakhtin, pode-se dizer que a crônica de Machado de Assis, *Bondes Elétricos* reflete com maestria e criatividade uma harmonia entre a realidade jornalística e as técnicas próprias da literatura, o espírito social e político de uma época na qual o Rio de Janeiro era apresentado ao progresso de forma frenética e, nesse movimento, muitas vezes se esquecia levemente de olhar pra trás. Se não fosse a conversa entre os burros e a forma sutil e regada por leves tons de ironia de contar, talvez as vozes a formar o discurso dessa crônica não se fizessem tão claras e lúcidas.

A crônica *Bondes Elétricos* também pode ser desconstruída e analisada a partir do que diz o filósofo francês Michel Foucault em seu livro *A Ordem do Discurso*. Entre as principais ideias defendidas por Foucault nessa obra está aquilo que ele chama de procedimentos de controle e delimitação do discurso. No caso da crônica de Machado de Assis, a figura do autor irremediavelmente atua, como diz Foucault, como um elemento de controle do discurso. Machado de Assis, assim como qualquer outro autor tem sua subjetividade, suas

experiências e percepções pessoais, por melhores que elas sejam, são melhores do ponto de vista de alguns, mas não do ponto de vista de todos. Para que Machado confrontasse em sua crônica a voz do passado com os ventos da modernidade e, nas entrelinhas e sutilezas da palavra escrita, defendesse a primeira, algo em sua trajetória e formação o fez pensar dessa forma. Assim como algo em sua personalidade fez com que ele mostrasse uma curiosa simpatia pelo burro e uma antipatia pelos cavalos, por ele considerados animais arrogantes e dotados de pretensa superioridade em relação ao homem. Por isso, em muitas de suas crônicas ele qualifica o burro e desqualifica o cavalo, como fica evidente no seguinte trecho de uma das crônicas escritas por Machado de Assis para a revista *Ilustração Brasileira*. O trecho que segue foi extraído de uma crônica publicada em 15 de agosto de 1876 e reunida no volume *História de Quinze Dias* (s.d).

[...] Eu não gosto do cavalo. Não gosto? Detesto-o, acho-o o mais intolerável dos quadrúpedes. É um fátuo, é um pérfido, é um animal corrupto [...] o cavalo parece esmagar-nos com sua superioridade. Ele olha para nós com desprezo, relincha, prega-nos sustos, faz Hipólito em estilhas. É um elegante perverso, um tratante bem educado; nada mais (ASSIS, s.d, p.10).

A subjetividade que determina suas preferências torna seu discurso limitado para a parcela que prefere cavalos a burros, ou o moderno ao antigo.

No entanto, isso não deve ser encarado como fator negativo de sua crônica e sim como algo inerente a todo e qualquer discurso. Segundo Foucault este não pode e nunca será livre ou universal, posto que é fruto de subjetividades do ser humano, por definição jamais universal, sempre fragmentado em desejos e experiências.

No que diz respeito àquilo que Foucault chama de ritualização do discurso e a conseqüente rarefação dos sujeitos que falam, vale dizer que a crônica cumpre todo um ritual que a torna possível e faz com que ela seja vista e entendida como crônica. Esse ritual, de certa forma, atua como fator que limita

a potencialidade de seu discurso, assim como acontece quando levamos em consideração os diversos elementos utilizados na presente crônica de Machado de Assis para conferir a ela toda forma e estética dignas de uma verdadeira crônica, de um documento social e político, fruto de um relato poético do real. Segundo esse raciocínio, a ritualização e a rarefação do discurso de que fala Foucault se aplica ao discurso da crônica à medida que uma série de regras é por ela seguida.

No entanto, pode-se dizer que Machado de Assis em sua crônica diminuiu um pouco a abrangência dessa ritualização já que ele ousou na constituição da narrativa usando de elementos da ficção para dar forma ao seu escrito sobre a realidade. De certa forma, ele rompe com algumas regras, no entanto, não pode deixar de se limitar a outras, caso contrário, qualquer coisa que ele tivesse escrito não poderia ser visto como crônica de fato. Mais uma vez, assim como acontece com a subjetividade, a ritualização faz parte do discurso, este se submete a ela para ser discurso. Machado consegue se submeter um pouco menos, o que fez com que ele refletisse de forma mais profunda e abrangente, menos limitada à "polícia discursiva" da ordem do discurso, a realidade política e social de sua época.

Na crônica de Machado de Assis, a partir de alguns elementos já expostos, é possível fazer uma relação com os pensamentos em relação ao discurso e à linguagem propostos por Chomsky (1971). No que diz respeito à inovação da linguagem, Machado faz uso desse recurso inúmeras vezes, inclusive, ele aparece de forma mais ampla na própria inovação do método narrativo. Como já foi visto, Machado vai além da abordagem do fato do cotidiano, ele transcende esse fato e confere a ele uma nova abordagem a partir do momento em que se utiliza de técnicas e recursos próprios da ficção para contar a sua história. A ficção empregada por Machado na forma de um diálogo entre dois burros que puxam o bonde tradicional no qual ele está é, sem dúvida alguma, um recurso que propicia a existência do aspecto da renovação da linguagem, citado por Chomsky.

Machado cria, em meio a tantas outras formas tradicionais de falar dos



bondes elétricos, uma forma totalmente inusitada que até então não havia sido pensada por nenhum outro cronista e que tampouco existia daquela forma no aparato linguístico já utilizado e conhecido. Ou seja, o escritor dá forma ao eterno processo de renovação da língua, contrariando aqueles que dizem que a linguagem é apenas produto de repetição. Neste sentido, ele reflete o pensamento de Chomsky, mas não é apenas neste ponto que a crônica de Machado pode ser desconstruída a partir do aparato linguístico pensado pelo linguista norte-americano. Há em toda crônica de Machado um processo mental bastante específico, embora ele não possa ser desnudado de forma total, afinal, até mesmo no pensamento de Chomsky a questão dos processos mentais que davam forma à linguagem não é totalmente clara, eles ainda permanecem obscuros em grande parte.

No entanto, de forma geral, pode-se depreender da mente de Machado de Assis um processo mental de oposição, no qual ele busca contrapor duas ideias básicas, como nesta análise já ficou demonstrado: o progresso e a tradição, o novo e o velho. A oposição entre esses elementos faz com que a sua linguagem tome forma de maneira a construir um discurso marcado por essa oposição ainda que de forma velada, não tão evidente, seja por meio das metáforas utilizadas ou por meio de outras figuras de linguagem. O conjunto de regras internas que orienta a formação do discurso, ou seja, o movimento do pensamento do escritor que parte tanto dessa ideia de oposição como das próprias impressões extraídas do cotidiano que o motivaram a escrever a crônica, manifestam-se de forma clara no texto. A sua linguagem mescla as cenas do cotidiano aos elementos que resgatam neste mesmo cotidiano a oposição entre o progresso e o tradicional. Assim ocorre uma condução clara do pensamento até a linguagem, as regras internas foram exploradas ao máximo, a tal ponto que a intuição do escritor foi explorada no sentido de inovar do ponto de vista linguístico e também estético. Tudo isso está presente na crônica de forma extremamente racional, há uma racionalidade por trás das metáforas, das ironias, da crítica social e até da ficção empregada, essa racionalidade existe justamente na harmonia e relação lógica por meio da qual Machado

constrói a narrativa. Nada sobra, nada é fruto de acidente ou casualidade, tudo parece ter sido pensado de forma que a potencialidade do discurso proferido por Machado torna-se completa e elevada.

Levando em consideração o que diz Chomsky sobre a construção linguística e sua relação lógica e racional com o pensamento, pode-se afirmar que Machado ao preocupar-se com toda racionalidade, equilíbrio e harmonia presentes na crônica em questão, como visto da análise feita acima, cumpre com as etapas da real construção linguística, fazendo com que esta estabeleça uma relação estreita com o pensamento e, portanto, com os processos mentais internos não apenas do indivíduo que a escreveu, como também e, principalmente, do indivíduo que a lê, no sentido de que a crônica também reflete a realidade social, o cotidiano do público. Os processos mentais e as regras internas extrapolam assim a simples oposição de ideias a pairar na mente do escritor, inserindo-a dentro de um contexto sócio-político do cotidiano, presente na mente do leitor.

Portanto, o potencial para refletir a realidade política e social de sua época é elevado à medida que a crônica viabiliza, por meio de inovações na própria natureza da linguagem, a relação entre linguagem e pensamento, tornando-se não apenas um reflexo dos processos mentais internos do indivíduo, como também um reduto onde ele pode reconhecer sua própria identidade mais subjetiva.

Quando Machado dá início em sua crônica ao oportuno e criativo diálogo entre os burros, uma série de palavras e o próprio diálogo em si, caracterizado pelo recurso da ficção, podem ser vistos como recursos linguísticos utilizados de acordo com o seu potencial de significação e expressão no sentido de estabelecer uma relação mais próxima com o indivíduo e com a própria noção de verdade. O recurso à ficção faz com que a expressão adquirida pelas palavras que compõem e dão forma ao diálogo entre os burros ganhe um plano de manifestação e impacto muito mais amplo. Neste sentido, a impressão da verdade, mesmo por meio da ficção, fica mais evidente e o leitor se sente mais identificado e inclinado a apoiar o discurso defendido ao longo da narrativa.

Pode parecer uma contradição que a ficção aproxime a linguagem da verdade, no entanto o fato é que, por ser utilizada como um recurso da narrativa escrita a partir de um fato do cotidiano, a ficção potencializa a crônica, pois chama a atenção do leitor, já que foge ao cotidiano. Entra-se aqui novamente no campo da renovação linguística de Chomsky, que enfatiza o plano da expressão e da significação das palavras dentro de uma linguagem, dirigidas a um indivíduo e refletoras da ideia de verdade, o que propiciará a assimilação do discurso machadiano. A palavra "chicote", por exemplo, empregada em certo momento no diálogo dos burros, dá a ideia de opressão, violência, conceitos totalmente opostos à ideia de justiça, que é o pano de fundo do diálogo dos burros. A palavra, neste sentido, se liga diretamente a um plano de expressão que ajuda a reforçar a oposição entre justiça e injustiça e a aproximar a ideia de injustiça como algo cometido contra o tradicional, fato que estaria se repetindo com o esquecimento do tradicional diante da vinda do progresso. A palavra "senhor" é outra que estabelece uma relação bastante clara de significação com a ideia de dominação de uma classe por outra, exploração e falta de valorização daquilo que o tradicional tem a oferecer. O plano de expressão das palavras utilizadas fica bem claro, como já dito, Machado não busca em sua crônica desqualificar totalmente o novo, há sim uma desqualificação exigida pela própria lógica do discurso, mas seu objetivo principal não é esse, o que ele quer é mostrar que mesmo diante do progresso, não se pode esquecer a tradição dirigindo a estas injustiças de toda sorte.

De forma geral, as palavras utilizadas na crônica conduzem o leitor ao conflito entre o tradicional e o progresso, entre o homem e o burro, entre a sabedoria e a insensatez, entre duas formas opostas de encarar o mundo, tudo isso por meio de uma linguagem exata em seu plano de significação que conduz a uma sensação de verdade e reflexão política e social bem ao estilo das mais belas obras machadianas em que as palavras e a linguagem, de fato, são parte do movimento da própria vida.

## O discurso político e social em *A menina Silvana*, de Rubem Braga

A crônica *A Menina Silvana*, de Rubem Braga, foi escrita em fevereiro de 1945 e faz parte de um conjunto de trabalhos produzidos pelo escritor quando este era correspondente na Segunda Guerra Mundial. Na crônica em questão, a linguagem utilizada por Rubem Braga é bela e seca em alguns momentos, de modo a refletir a própria essência da guerra. Ele recorre a metáforas, figuras de linguagem, comparações oportunas que contribuem para elevação do fato do cotidiano escolhido por ele para ser o objeto central de discussão da presente crônica: uma menina de uns dez anos, frágil, delicada e, como ele a descreve, de pele branca, ferida durante um dos combates da guerra. Aquele "lírio" manchado de sangue chama a atenção do cronista em meio a tantos outros sofrimentos e feridas causadas pela guerra, talvez porque fosse ainda puro demais para ser exposto a tanta maldade, fosse delicado demais para ser arranhado por armas e ferros, fosse cheio de sonhos demais para vê-lo deitado sobre um mar de dor e desgraça.

Além desse elemento do cotidiano presente como base da crônica de Rubem Braga, em *A Menina Silvana* também se nota claramente a presença do olhar do repórter de guerra, Rubem Braga, em diversas passagens nas quais ele de fato faz uso da primeira pessoa, como pode ser notado no seguinte trecho.

Mas tinha os olhos abertos - e quando sentiu a minha sombra ergueu-os um pouco. Nos seus olhos eu não vi essa expressão de cachorro batido dos estropiados, nem essa luz de dor e raiva dos homens colhidos no calor do combate, nem essa impaciência dolorosa de tantos feridos, ou o desespero dos que acham que vão morrer. Ela me olhou quietamente (BRAGA, 1979, p.27).

Ao tomar como ponto de análise da presente crônica o que Bakhtin defende em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* no que diz respeito à polifonia dos discursos, pode-se depreender, a partir desse trecho, a presença da voz

autoral que fala no discurso da crônica. A voz do autor do discurso, subjetiva, marcada por suas experiências e visões de mundo, constitui-se em uma das vozes que emanam sobre a crônica. Esta voz, a voz do cronista, pode ser considerada como a primeira voz de um conjunto de outras vozes que falam em *A Menina Silvana*. A voz de Rubem Braga representa o discurso daqueles que testemunham os horrores de uma guerra, sentindo-se, de alguma forma, afetados por ela. Neste sentido, essa primeira voz representa uma ideologia que de certa forma se coloca contrária ao horror perpetrado durante a guerra, já que se sente afetada por ele, não raro em suas regiões mais íntimas e obscuras. Ao lado desse discurso da testemunha que se vê atingida moral, emocional e psicologicamente, tem-se representado na crônica o discurso divino. No seguinte trecho

Deus, que está no céu - se é que, depois de tantos desgovernos cruéis e tanta criminosa desídia, ninguém o pôs para fora de lá, ou Vós mesmo, Senhor, não vos pejais de estar aí quando Vossos filhos andam neste inferno! - Deus sabe que tenho visto alguns sofrimentos de crianças e mulheres (BRAGA, 1979, p. 27),

Rubem Braga coloca, ainda que de forma sutil, outro olhar em direção ao conflito dos homens. Contrapõe com isso terra e céu, profano e sublime, humano e divino, pecado e graça. A simples citação de Deus como alguém que vê toda desgraça da guerra e simplesmente parece não fazer nada diante dela coloca em questão o poder divino, ao mesmo tempo em que questiona a validade das ações do homem. Tem-se assim outra voz, a voz divina, trazida ao contexto da crônica por meio da figura do autor, que se mostra alheia às desgraças da guerra no mesmo movimento em que os homens tratam de intensificá-la. Portanto, ao trazer para o discurso da crônica a voz divina, o autor também associa a esta a voz do homem que provoca a guerra e é inevitavelmente atingido por ela. Além da voz do autor, da voz de Deus e da voz dos homens que fazem a guerra, também aparece nesta crônica a voz da infância, representada pela menina Silvana, ferida durante o combate. Essa voz

fala por meio dela e de certa forma se apresenta como uma perfeita oposição aos valores da guerra. A impressão que se tem da infância, ao menos teoricamente, é de que esta é ingênua, pura, doce e algo ainda novo, que aos poucos vai sendo marcada pelas impressões do mundo, tal como a tábula rasa de John Locke (1632-1704). Já a guerra é dura, cruel, carregada de marcas e sofrimentos, é a exposição mais vil e precária de todo caráter humano, é onde ele encontra-se no mais extremo estado de degeneração. Tem-se, neste sentido, uma voz diametralmente oposta à outra. A voz da guerra e a voz da infância. Se em Machado de Assis os discursos que se opunham eram o tradicional e o moderno, aqui em Rubem Braga a grande oposição está na infância e na guerra, na criança e no homem.

Isto leva a pensar naquilo que Bakhtin chama de qualificação do "eu" e desqualificação do outro. Nesta crônica, há uma desqualificação do discurso da guerra, da crueldade dos homens e uma qualificação da infância que, assim como a voz divina, subjuga e pune o homem pela guerra cometida. Obviamente essa qualificação e desqualificação, assim como em Machado de Assis, é feita de forma sutil, velada pelos recursos próprios da literatura, mas ela está presente no contexto da crônica. A desqualificação do homem como agente da guerra e causador das desgraças pode ser notada neste trecho da crônica em que Rubem Braga, diante de toda desgraça já causada, diz que tudo aquilo precisa terminar de uma forma ou de outra, mas precisa terminar. "É preciso acabar com isso, e acabar com os homens que começaram isso e com tudo o que causa isso - o sistema idiota e bárbaro de vida social onde um grupo de privilegiados começa a matar quando não tem outro meio de roubar" (BRAGA, 1979, p.28).

Além da polifonia e da qualificação de um discurso e desqualificação de outro, outras características devem fazer parte da análise do discurso proposta por Bakhtin. Uma delas diz respeito aos pressupostos e implícitos presentes no discurso. Na crônica A Menina Silvana os pressupostos e implícitos ajudam a reforçar a ideia anteriormente exposta de que o discurso da infância se contrapõe à crueldade da guerra.

No seguinte trecho “aquele corpo branco e delicado como um lírio - agora marcado de sangue”, Rubem Braga mostra que a imagem da infância é pura, impressão que é reforçada pelo corpo branco; afinal, branco dá ideia de pureza, mas, de repente, essa pureza se vê machada de sangue, como que contaminada pela guerra. A mancha de sangue torna impura a pele antes pura, em outras palavras, a guerra tem o potencial de manchar, contaminar até a mais pura criatura, no caso, a infância. Esse jogo de puro e impuro mostra que está subentendida neste trecho a desqualificação da guerra capaz de contaminar a própria infância, ao lado de uma elevação desta última. No trecho final da crônica, a oposição entre os discursos e a força do que está implícito nesta oposição fica clara em meio a diversas palavras empregadas de forma polissêmica que, de fato, assumem diversos significados, sempre no contexto dessa oposição entre guerra e infância.

Pelo corpo inocente, pelos olhos inocentes da menina Silvana (sem importância nenhuma no oceano de crueldades e injustiças), pelo corpo inocente, pelos olhos inocentes da menina Silvana (mas ó hienas, ó porcos, de voracidade monstruosa, e vós também, águias pançudas e urubus, ó altos poderosos de conversa fria ou voz frenética, que coisa mais sagrada sois ou conheceis que essa quieta menina camponesa?) [...] (BRAGA, 1979, p.28/29).

“Hienas, porcos, águias pançudas, urubus, altos poderosos de conversa fria ou voz frenética” são metáforas empregadas que fazem clara alusão aos homens que provocam a guerra com toda sua soberba e orgulho e cometem as piores desgraças, apenas com o objetivo de cumprir uma ideologia equivocada ou salvar uma honra mal conservada. Diante das palavras, a ideia que se subentende é que de fato eles são sujeitos da pior espécie a ponto de serem comparados a hienas e porcos. Ao mesmo tempo, ele fala de Silvana de forma carinhosa e emocionada, “quieta menina camponesa, corpo inocente, olhos inocentes, pequeno ser simples, pequena coisa chama humana”; estas palavras reforçam a ideia de oposição entre o homem e a criança, entre a guerra e a infância, elas dizem claramente que Silvana é inocente, pequena, diante da

crueldade e da grandiosidade da guerra. Por meio delas, o leitor vê a injustiça cometida contra seres humanos tão pequenos, que não precisam ser necessariamente crianças, já que diante da morte todos acabam se tornando inevitavelmente pequenos. E aí estão as duas ideias implícitas em toda crônica de Rubem Braga, a ideia de morte e de justiça. Quando a voz divina é invocada, o autor chama por justiça, quando ele diz que tudo deve acabar de uma forma ou outra, ele chama por justiça, quando ele diz da pequenez humana ele resvala seu discurso nas arestas da morte; quando ele usa como metáfora para dizer do homem causador da guerra a palavra “urubus”, ele faz uma alusão à ideia de morte, afinal, se o urubu é um presságio da morte, os homens que fazem a guerra não são diferentes disso.

Ao analisar a crônica segundo o que diz Michel Foucault em seu livro *A Ordem do Discurso* (2009), é possível distinguir o seu real potencial em refletir a realidade política e social de sua época, no caso o ano de 1945, no contexto da Segunda Guerra Mundial. Partindo dos elementos que Foucault diz serem controladores do discurso, entre eles estão o autor do discurso, as disciplinas e o comentário, pode-se reconhecer nesta crônica de Rubem Braga a presença de um claro limitador do discurso: a figura do autor. Como já dito, a presença do autor em *A Menina Silvana* é visível, Rubem Braga se coloca explicitamente no discurso da crônica, utilizando inclusive a primeira pessoa em vários momentos. Essa postura do autor, segundo o que diz Foucault, de fato acaba por limitar o potencial da crônica em refletir a realidade política e social de sua época.

É evidente que toda crônica é de fato um trabalho autoral, pois ela é, como foi visto neste artigo, de fato um trabalho do autor a partir de um olhar que se lança sobre o real. No entanto, na crônica de Machado de Assis analisada no presente trabalho a presença dele como autor não se faz tão explícita como na de Rubem Braga. Machado inclusive disfarça a sua presença por meio do recurso da ficção, é como se ele, neste movimento, transferisse um pouco do peso do seu olhar para os burros que dialogam em certo momento da narrativa. Já na crônica de Rubem Braga o peso do olhar recai apenas sobre ele, o autor não se vale de recursos de ficção como faz Machado



de Assis, tampouco torna sua presença sutil, ele se coloca inteiramente no contexto da situação narrada, o que fica evidente nas passagens em primeira pessoa. Essa presença maior da figura do autor pode ser explicada em razão do fato de que Rubem Braga estava na função de correspondente de guerra. Os jornalistas, não raro, para melhor relatar um fato, colocam-se como um personagem da própria história, no entanto, o que Machado de Assis mostra com a sua crônica, é a possibilidade de se colocar de modo que essa presença não seja tão marcada a ponto de limitar o discurso em razão da subjetividade que é inerente à figura do autor, como diz Foucault (2009).

Além da forte presença do autor do discurso como elemento limitador deste, outra ideia defendida por Michel Foucault (2009) pode ser aplicada à presente crônica: a rarefação do sujeito que fala. A menina Silvana, na crônica, não é qualquer menina, ela é doce, tem corpo fino, magro, a pele branca, os olhos meigos e esverdeados, de aparência quieta e trêmula, de modo algum desesperada. Tudo nela é descrito como inocente e puro, ou seja, na construção da menina Silvana há um processo de ritualização que é seguido, toda uma série de características é enfatizada e, se ela não as tivesse de fato, tampouco estaria inserida no discurso da crônica.

Portanto, pode-se dizer que Rubem Braga submeteu-se, de certa forma, à “política discursiva” de que fala Foucault, o que fez com que sua crônica alcançasse um potencial menor em refletir a realidade política e social de sua época, isso não quer dizer que essa reflexão não aconteça, apenas que ela se dá com um potencial menor do que poderia ter de fato.

Esse texto de Rubem Braga também pode ser analisado a partir do que diz o linguista norte-americano Noam Chomsky (1971). No que diz respeito à inovação da linguagem defendida por Chomsky e já exposta no presente trabalho de pesquisa, a crônica de Rubem Braga não traz tantos elementos de inovação como acontece com a de Machado de Assis, que inova a própria estrutura da narrativa ao valer-se da ficção como recurso para melhor refletir a realidade de sua época. A estrutura da crônica de Rubem Braga é normal e a linguagem aparece de forma marcadamente literária, valendo-se de muitas

metáforas e comparações, apesar de que estes recursos próprios da linguagem literária não compreendem nenhuma grande inovação, apenas cumprem com o papel de mesclar na crônica o fato da realidade com o texto literário.

No entanto, no que diz respeito ao processo mental que dá origem e forma à linguagem, segundo Chomsky, a crônica de Rubem Braga é bem ilustrativa para esse ponto. De fato, há na crônica um processo mental bem claro e definido em torno do qual e a partir do qual o discurso do texto se organiza. Trata-se, assim como na crônica de Machado de Assis, de um processo mental fundamentado em ideias de oposição entre um discurso e outro. Em *A Menina Silvana* há a oposição entre o discurso da infância, da inocência e o discurso da guerra, da crueldade. Esse processo mental de oposição é muito bem construído na crônica por meio de diversas palavras, comparações e construções linguísticas que refletem de forma harmônica e orgânica todas as fontes que alimentam o processo mental interiorizado e extremamente complexo que dá origem à linguagem exposta no discurso específico desse texto.

O conjunto de regras internas que orientam a formação do discurso também se manifesta de forma clara no texto. Essas regras internas partem tanto das referências do próprio autor do discurso quanto das impressões que lhe veem do cotidiano. Rubem Braga mescla suas ideias subjetivas em relação à guerra e à infância com a cena por ele vista e, a partir dessas suas referências, ele organiza uma regra interna do seu processo mental que se reflete em uma linguagem extremamente lógica, onde não há espaço para contradição. Seu processo mental é diretamente transferido para as linhas de forma que a linguagem seja um reflexo do pensamento e das regras internas da constituição da subjetividade. Com isso, o texto ganha em coerência, lógica interna e qualidade o que contribui para o seu potencial de reflexão da realidade da época. Outro elemento citado por Chomsky (1971) em sua análise da linguagem é a questão da racionalidade.

No entanto, pode-se afirmar que essa racionalidade em alguns momentos abre espaço para uma emoção que o autor tenta inserir dentro do seu discurso,

de modo a causar mais impacto diante das suas próprias impressões no contexto da guerra. Essa emoção fica evidente, ainda que inserida de forma sutil, no trecho em que o autor descreve o olhar da menina Silvana. Na descrição do olhar, ele esquece um pouco da racionalidade distante, insere-se na cena e a descreve de forma emocionada e marcadamente subjetiva. Diante disso, é possível dizer que a crônica de Rubem Braga comete alguns deslizes quando vista do ponto de vista da teoria defendida por Chomsky, mais uma vez o que se diz é que esse deslize não prejudica a qualidade do relato do cronista; no entanto, diminuiu o seu potencial de refletir a realidade da época, já que algumas frestas foram abertas na estrutura lógica que pauta a relação entre linguagem e pensamento, segundo Noam Chomsky.

O grande trunfo de Rubem Braga são as palavras e como ele se utiliza delas para transportar o cotidiano que ele testemunha como jornalista para a mente do seu leitor. É interessante perceber que o esmero no uso das palavras confere um caráter de humildade à sua crônica, caráter este que também se faz presente na sua obra de forma geral, como diz o crítico literário Davi Arrigucci Jr., estudioso da obra do cronista. As outras lacunas e falhas do seu discurso aqui apontadas de acordo com o pensamento de alguns pensadores do discurso são preenchidas pela qualidade no trato com as palavras. Se em Machado de Assis, as palavras são apenas mais um acerto do grande cronista do século XIX, em Rubem Braga elas parecem ser o grande acerto.

### **Considerações finais**

Diante da análise da crônica *Bondes Elétricos*, de Machado de Assis, e *A Menina Silvana*, de Rubem Braga, escritas em épocas e contextos sociais, históricos e políticos totalmente diferentes a partir da ótica de autores que discutem a ordem e análise do discurso, bem como a natureza e características inerentes à linguagem, a presente pesquisa reconheceu em Machado de Assis, na crônica *Bondes Elétricos*, um potencial maior em refletir a realidade política

e social do Rio de Janeiro no século XIX.

Como foi visto, a crônica de Rubem Braga apresenta uma série de características que a limitam, como a marcante presença do autor - o que lhe confere um caráter marcado pela presença intensa da subjetividade - o processo de ritualização seguido na escolha e caracterização dos personagens principais que fazem parte da narrativa e, por fim, o caráter emocional da crônica, que se deixa perceber em alguns momentos, prejudicando sua estrutura lógica e pautada pela racionalidade linguística, tal como defende Chomsky (1971).

Essas limitações não interferem de modo algum na qualidade da crônica, mesmo porque, como foi visto, o uso correto das palavras, a sua força de expressão e a coerência de seu significado fornecem à crônica de Rubem Braga uma veracidade que aproxima o leitor da história narrada. No entanto, em Machado de Assis, os diversos elementos que formam e sustentam o discurso se apresentam de forma mais completa. Em quase todos os aspectos analisados, a crônica machadiana rompe com as limitações impostas ao discurso e transpõe os limites do fato extraído da malha de acontecimentos do cotidiano.

Rubem Braga segue a receita da crônica, busca um fato presente no cotidiano, relata esse fato por meio de uma linguagem marcadamente literária, da qual o grande trunfo são de fato as palavras utilizadas, mas não vai além disso. Pode-se dizer que ele se submete ao fato, não no sentido negativo dessa submissão, mas no sentido de se ater ao fato jornalístico e ao discurso literário sem ousar na utilização de outros recursos da literatura que poderiam fazer com que seu relato transbordasse para além do terreno exclusivo da factualidade, sem, no entanto, perder esta de vista e alcançasse um grau de potencialidade maior em refletir a realidade da Segunda Guerra Mundial, que fazia parte do contexto no qual foi escrita e a partir do qual foi inspirada a crônica *A Menina Silvana*. Machado de Assis vai além do fato do cotidiano ao valer-se, como foi visto, do recurso da ficção na construção de seu "relato poético do real". Com isso, ele torna seu discurso menos limitado, menos

sujeito às regras da polícia discursiva de que fala Foucault e alia essa ousadia à racionalidade e lógica inegável de seu relato, pontos importantes do pensamento de Chomsky e à perfeita construção da oposição de dois discursos contrários que se inserem definitivamente no tecido social, a exemplo do que dizia Bakhtin. Pode-se dizer, portanto, que o elemento ficcional na crônica machadiana é de fato o fator decisivo que faz com que esta reflita com maior potencialidade, interesse jornalístico e beleza literária a realidade política e social do Rio de Janeiro no século XIX, cumprindo integralmente a proposta da crônica como gênero e indo além dela.

## Referências

- ALENCAR, José de. *Ao correr da pena*. São Paulo: Martins Editora, 2004.
- ASSIS, Machado de. *A Semana*. Edição, introdução e notas de John Gledson. São Paulo: Hucitec, 1996.
- \_\_\_\_\_. *História de quinze dias*. Belém: Universidade da Amazônia, s.d.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2002.
- BRAGA, Rubem. *200 Crônicas escolhidas*. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 1979.
- CHOMSKY, Noam. *Linguagem e pensamento*. 2. ed. São Paulo: EUSP, 1971.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 18. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009.
- MARQUES MELO, José. *Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro*. São Paulo: Mantiqueira, 2003.
- PAIXÃO, Fernando. *Sejamos vizinhos de Machado*. In: ASSIS, Machado de. *Crônicas escolhidas*. São Paulo: Folha/Ática, 1994.
- PEREIRA, Wellington. *Crônica: a arte do útil e do fútil*. Salvador: Calandra, 2004.
- RIBEIRO, Lavina. *Imprensa e espaço público*. Rio de Janeiro: E-papers, Serviços Editoriais Ltda, 2004.

RIO, João do. *A alma encantadora das ruas*. Disponível em:  
<http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalleObraForm.do>  
[select\\_action=&co\\_obra=2051](#). Acessado em: 13 de fevereiro de 2011.

Enviado em maio de 2011.

Aceito em junho de 2011.